

## A SUBJETIVAÇÃO DOS LEITORES EM POSTS E COMENTÁRIOS DO FACEBOOK NA DISCURSIVIZAÇÃO DO PADRE FÁBIO DE MELO

*Leilian França dos Santos*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB.  
[lian.franca@yahoo.com.br](mailto:lian.franca@yahoo.com.br)

*Gerencie Ribeiro de Oliveira Cortes*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.  
[cortesgr@gmail.com](mailto:cortesgr@gmail.com)

**Resumo:** Neste trabalho, analisamos a discursivização do padre Fábio de Melo em postagens e respectivos comentários, publicados na rede social Facebook, com foco na subjetivação dos leitores. O *corpus* constitui-se por onze sequências discursivas (SDs) extraídas dos perfis, Clube das Amigas<sup>3</sup> e Andreia Costa<sup>4</sup>. A pesquisa filia-se teoricamente à Análise de Discurso (AD) desenvolvida por Pêcheux (1969, 1975, 1983) e seus seguidores. Ademais, usaremos também algumas contribuições teóricas do campo das ciências sociais e da comunicação. Na AD, os sentidos não estão presos à literalidade da língua e os sujeitos, constituídos concomitantemente aos sentidos, são afetados pela ideologia, pela memória. Verificamos que a rede de memórias do discurso religioso católico é mobilizada, intrinsecamente a outros sentidos que circulam nas redes digitais. Nessa trama, a subjetivação do leitor comentarista funciona com a disputa de sentidos em duas posições-sujeito centrais: a de rejeição a Fábio de Melo, enquanto padre, devido a sua conduta de “cidadão comum” nas redes sociais, sendo tal posição afetada pelo imaginário do padrão já legitimado para o sacerdócio católico. Mas também funciona a posição-sujeito de aceitação ao padre Fábio de Melo, justamente pela suposta “transgressão” deste à figura do padre já legitimada historicamente, instaurando uma perturbação nos implícitos da memória.

**Palavras chave:** Discurso religioso digital; padre Fábio de Melo; subjetivação de leitores em comentários virtuais.

### Introdução

Historicamente, o padre foi considerado como um homem de Deus, um homem santo, que, de certa forma, distancia a figura desse líder religioso do padrão de **humanidade**. Isso

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Análise do Discurso – GEPADIS - UESB/CNPq.

<sup>2</sup>Doutora em Linguística pela UFPE – Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)/PPGLin – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – GEPADIS - UESB/CNPq.

<sup>3</sup> Comunidade do Facebook, que se identifica como espaço para trocar ideias sobre diferentes assuntos.  
<https://www.facebook.com/MANDY.1979.MANDY/posts/2007451909292708>

<sup>4</sup> Publicação feita inicialmente pelo padre Fábio de Melo em sua página no Twitter. A publicação foi printada no Twitter e montada junto à foto que compõe a publicação no perfil do Facebook, já mencionado  
<https://www.facebook.com/andreia.rodrigues.904/posts/1973854005997633>.

deve-se à forma como a religião, neste caso, a igreja católica insistiu em manter sua postura conservadora resistindo, entre outros aspectos à utilização de mecanismos seculares, como a mídia. Em razão disso, Gutierrez (2006, p.91) pondera:

“[...] Hoje mais do que no passado, religião e mídia aparecem mais interconectadas na experiência midiática-cultural contemporânea, enquanto que é, justamente, através da mídia que movimentos religiosos e de espiritualidade são mais conhecidos e mais procurados pelas diferentes camadas da sociedade”.

A partir disso, o autor também discorre que, tanto a religião quanto a mídia ocupam o espaço de experiências vivenciadas na contemporaneidade, sendo tal processo legitimado e controlado por aqueles que as buscam. Isso posto, buscamos compreender como funciona a discursivização do padre Fábio de Melo nas mídias digitais, considerando que ele também marca sua presença de forma bastante efetiva nas mídias digitais. Nosso foco principal é analisar os efeitos de sentidos e as posições-sujeito que funcionam no discurso materializado em postagens e respectivos comentários na rede social Facebook.

A partir do que pondera Courtine (2014), compreendemos que a composição de um *corpus* discursivo se dá por meio de um recorte de um domínio discursivo mais amplo, com o objetivo de produzir amostragens específicas, segmentando-o em sequências discursivas (SDs). Desse modo, o *corpus* foi constituído por três blocos de sequências discursivas (SDs), o bloco I composto pelas SD1 e SD2; o bloco II composto pelas SDs 3 a 6; e o bloco III, composto pelas SDs 7 e 8. É importante enfatizar que o discurso que analisaremos, funciona sob condições de produção e de circulação específicas, pois é afetado por diferentes redes discursivas, como o discurso religioso católico e o midiático-digital, além de outros.

Apoiamo-nos no dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD), da qual Michel Pêcheux (1969, 1975 e 1983) é expoente, que defende a não transparência da linguagem e os sujeitos - afetados pela história, pela ideologia e pela memória – e constituem-se juntamente aos sentidos. Sendo assim, mobilizamos os seguintes recortes teóricos da AD: condições de produção; projeções imaginárias; memória discursiva; sujeito e posições-sujeito. Serão consideradas também, a noção de discurso digital, além de contribuições das ciências sociais e da comunicação.

Na próxima seção, apresentaremos algumas noções teóricas sobre os recortes teóricos mobilizados para este estudo.

### **Pressupostos teóricos: Noções sobre a Análise de Discurso (AD)**

O objeto da Análise do Discurso (AD) é o discurso, tal como conceitua Pêcheux “[...] o que dissemos precedentemente nos faz preferir aqui o termo *discurso*, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre *A* e *B* mas, de um “efeito de sentidos” entre os pontos *A* e *B*” (Pêcheux 2014 [1969], p. 81). Assim, o autor define o discurso como efeito de sentidos entre interlocutores. Na esteira da teoria de pêcheuxtiana, Ferreira (2003) observa que por meio do discurso compreendemos como um material simbólico opera a produção dos sentidos e a constituição dos sujeitos. Ao tomar como referência o que postula Pêcheux (1969 [2014]), Orlandi (1994) argumenta que o discurso se materializa num sistema significante, afetado pela exterioridade, visto que é a “inscrição da história na língua que faz com que ela signifique” (ORLANDI, 1994, 52). A autora ainda acrescenta que é no discurso que observamos a relação entre a ideologia e a linguagem.

Dessa forma, a língua não é transparente, e o sujeito é constituído na relação com o inconsciente e a ideologia. “A ideologia é, pois, constitutiva da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, ela é a condição para essa relação” (ORLANDI, 1994, 56). Dessa maneira, a compreensão de não transparência da linguagem se estabelece pelo fato de que os sentidos não são determinados *a priori*, ou seja, os sentidos não funcionam na literalidade da língua, mas são determinados historicamente. Assim, segundo Orlandi (1994) a língua é parcialmente autônoma, embora funcione a partir de uma ordem que lhe é natural. A história não é cronológica, mas tem um caráter de realidade que é afetado pelo simbólico. E, por fim, o sujeito do discurso é afetado pela língua, pela história e pela ideologia, sem que ele tenha algum controle disso e, desse modo, os sujeitos e os sentidos constituem-se mutuamente.

Na seção seguinte trataremos das condições de produção, imaginário e lugar social.

### **Condições de produção, imaginário e lugar social**

No que se refere às condições de produção, bem como as relações de forças, nas quais um discurso se materializa, Pêcheux (2014 [1969]), postula que o funcionamento dos processos discursivos está inscrito num sistema de normas que não são nem individuais nem universais, mas são estruturados a partir de processos ideológicos que correspondem a um lugar específico no interior de uma formação social determinada. O autor teoriza que a produção discursiva se dá, a partir de condições de produção específicas, de forma que o sujeito, quando enuncia, já está inscrito em algum lugar da conjuntura social, e por isso, o discurso é afetado pelo lugar a partir de onde fala o enunciador. Esse processo se constitui em um jogo de **relações de forças** estabelecido na conjuntura social. Nas palavras de Pêcheux (2014[1969]):

“[...] o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa em relação ao que diz” (PÊCHEUX. 2014[1969] p. 76).

Nessa perspectiva, essas relações de forças tratam do estatuto de sentido do que é dito, numa conjuntura determinada. Orlandi (2007) endossa o pensamento de Pêcheux (2014[1969]), e declara que:

[...] o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar de aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fieis etc. (ORLANDI, 2007, p. 39)

Dadas essas considerações, compreendemos que o lugar social de onde o sujeito fala é relevante no processo discursivo para a produção dos sentidos. Ainda no que trata a questão dos lugares, na direção do que teoriza Pêcheux (2014[1969]), Grigoletto e De Nardi (2013) ressaltam que esses lugares são determinados por condições históricas e ideológicas, além de passarem por modificações na medida em que são discursivizados. Nas palavras das autoras:

[...] Os diferentes lugares sociais que todos nós podemos ocupar, enquanto sujeitos, ao mesmo tempo determinam e são determinados pelas práticas discursivas. [...] os lugares sociais ocupados pelos

sujeitos em uma formação social já são moldados em função de condições histórico-ideológicas específicas. Ao dizer, inscrever-se num determinado discurso, o sujeito carrega traços desse lugar que ocupa socialmente. No entanto, esses lugares, embora mais estáveis quando se situam no espaço empírico, podem sofrer deslocamentos/atualizações ao serem discursivizados (GRIGOLETTO & DE NARDI, 2013, p. 198-199).

No entanto, não são os lugares dos sujeitos que interessam à AD, mas as projeções ou formações imaginárias dos sujeitos e de seus lugares. Segundo Pêcheux (2014[1969]) “[...] todo processo discursivo supunha, por parte do emissor, uma *antecipação das representações do receptor*, sobre a qual se funda a estratégia do discurso” (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 83). Desse modo, as projeções imaginárias funcionam na passagem dos lugares para as posições do sujeito do discurso (ORLANDI, 2012).

A seguir, trataremos a noção de sujeito e posição-sujeito, tendo em vista a sua relevância à teoria do discurso postulada por Michel Pêcheux.

### Sujeito e posição-sujeito

O sujeito, tal como é concebido nos estudos discursivos propostos por Pêcheux (1969, 1975, 1983), possui caráter não-subjetivo, como postula o próprio autor: “[...] essa teoria não pode, se deseja começar a realizar suas pretensões, dispensar uma *teoria (não-subjetivista) da subjetividade*” (PÊCHEUX 2014[1975], p. 121. Grifos do autor). Esse caráter não-subjetivista do sujeito de Pêcheux (1975) é esclarecido a partir de dois aspectos: a) as ideologias são forças materiais e não ideias; b) elas não se originam no sujeito, mas os indivíduos são constituídos sujeitos por meio da ideologia. Assim, destaca o autor: “[...] o que a tese ‘a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos’ designa é exatamente que ‘o não-sujeito’ é interpelado-constituído em sujeito pela ideologia” (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 141) Daí compreende o fenômeno da interpelação, visto que o indivíduo é interpelado/convocado em sujeito pela ideologia.

Assim, Pêcheux ([1983] 1997) sustenta que os sujeitos na Análise de Discurso (AD) são constituídos como posições sujeito no/do discurso, pois ainda que haja a ilusão do sujeito autor dos seus dizeres, este é constituído juntamente aos sentidos: “[...] a questão da

constituição do sentido se junta á da constituição do sujeito, [...] na figura da interpelação” (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 140). Assim, os sujeitos são convocados a assumirem uma dada posição no processo discursivo e os sentidos não são fixos à literalidade da língua, mas a ideologia produz um efeito de transparência dos sentidos.

Courtine (2014) também discute a questão do sujeito do discurso e postula que a posição-sujeito é determinada a partir da relação de identificação do sujeito enunciador com o sujeito de um dado discurso. O autor sustenta que o sujeito falante é interpelado/constituído como sujeito ideológico num lugar que é dividido por uma contradição, e assim, o seu funcionamento é específico. Desse modo, no processo discursivo materializam-se efeitos-sujeito distintos. Conforme esclarece Ferreira (2003) os sentidos e os sujeitos são determinados historicamente, por meio de redes de memória, e sendo esta também uma noção central no arcabouço teórico da AD, trataremos, a seguir, da noção de memória discursiva.

### **Memória Discursiva**

Pêcheux (2014[1969]) defende que um discurso não começa num dado momento ou lugar, mas ele sempre retoma outros discursos. O autor chama a atenção para buscarmos os implícitos que se fazem presentes por sua ausência, ou acontecimentos que voltam, que reincidem num discurso por meio das repetições, à medida que eles são retomados.

Dadas essas considerações, o autor argumenta que o processo de atualização da memória não se dá de forma pacífica, ao passo que um acontecimento ao mesmo tempo em que provoca uma regularização dos implícitos, ou estabilização parafrástica que não se dá necessariamente de forma literal, palavra por palavra, mas por meio de traços, ele também pode provocar uma desregulação, perturbando a rede dos implícitos ou até mesmo uma ruptura com o já-dito. Daí, Indursky (2011) observa, a partir do que é proposto por Pêcheux (1983 e 2007), que uma memória é constituída pelo regime da repetibilidade: “[...] são os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados” (INDURSKY, 2011, p. 71).

Dito isto, ao que tange à memória discursiva, Pêcheux (2007) destaca que ela atua como lugar de inscrição e, também de atualização do já-dito, de tal forma que o texto para tornar-

se legível deve estar ancorado a uma memória que, permitindo a retomada, dá lugar também a atualização:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (Pêcheux 2007, p. 52)

A memória discursiva é, portanto, noção central no quadro teórico da AD, pois os processos discursivos remetem sempre a outros discursos já-ditos. Enfim, passemos, então à análise discursiva das materialidades do *corpus*, com vistas a verificar os recortes teóricos aqui mobilizados.

## Análise

A análise será desenvolvida, segundo o que postula Pêcheux (1983[1997]), tendo em vista o batimento descrição/intepretação, no qual a língua é sujeita ao equívoco, de modo que todo enunciado é possível de tornar-se outro e seu sentido derivar-se discursivamente para outro. Portanto, iniciaremos a análise com o bloco I de SDs.

### BLOCO I – SDs 1 e 2



As SDs 1 e 2 são compostas por *screenshots*<sup>5</sup> dos posts publicados nos perfis, Clube das Amigas e Andreia Costa, respectivamente.

A SD1 apresenta os seguintes elementos; no topo da tela, tem o nome perfil onde o post foi publicado, neste caso, Clube das Amigas e a data e hora da publicação, 31/01/2019 às 21:46, logo abaixo a frase/legenda da foto, “Prefiro não comentar porque quero ir para o céu”, seguida de *emojis*<sup>6</sup>. Logo abaixo, há duas fotos do padre Fábio de Melo dos anos de 2009 e 2019 respectivamente. Na primeira imagem, o sacerdote está trajando roupas em cores mais sóbrias, as mãos juntas, o penteado bem arrumado e sem barba. Porém, na segunda imagem, o padre está trajando roupas em tons mais escuros, usando óculos de sol, a camisa mais aberta, o celular na mão, o penteado desconstruído. Nas fotos, o padre não usa batina, é jovem, belo, sorridente, mais se aproxima da figura de um galã do que da imagem de um sacerdote religioso.

Já a SD2 apresenta os seguintes elementos; no topo da tela, nome, Andreia Costa, o perfil que publicou o post, e data e hora da publicação, 02/01/2019 às 08:38, em seguida um *emoji* e abaixo uma foto do padre Fábio de Melo sentado numa calçada e trajando preto, (mas não é uma batina preta!) abaixo da foto, o seguinte diálogo: -“PadreFábiodeMelo: “Sensação de ter passado a noite dando uma demão de tinta no Maracanã.” -Ari: Rezar que é bom, nada -PadreFábiode Melo: Falou o fiscal da espiritualidade alheia.....”.

De acordo com Pêcheux (2011), os lugares ocupados pelos sujeitos nas conjunturas sociais constituem as relações de forças que funcionam no discurso, pois o lugar ocupado pelo sujeito produz efeitos de sentidos tanto desse lugar, quanto do que é dito a partir dele. Todavia, o autor alerta para o fato de que, na perspectiva do discurso, o que interessa não é o lugar em si, mas o imaginário dos lugares dos sujeitos. “[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*” (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 82). Em virtude disso, o que interessa na AD é o funcionamento discursivo a partir das imagens dos sujeitos e dos lugares que são projetadas. As formações imaginárias, tal como compreende Pêcheux, “[...] resultam elas mesmas, de processos discursivos anteriores (provenientes de outras condições de produção)” (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 85).

<sup>5</sup> *Print* ou *screenshot* refere-se à ação de criar uma imagem da tela do celular ou computador.

<sup>6</sup> *Emoji* palavra derivada da junção de e+moji e teve sua origem no Japão. Os *emojis* são ideogramas e *smileys* utilizados em mensagens eletrônicas e páginas da web.



Assim, as imagens projetadas no discurso são um resultado do trabalho da memória, visto que um discurso não teve seu início naquele momento ou naquele lugar, mas sempre remete a outros discursos. Portanto, nas SD1 e 2, notadamente na SD2, os sentidos destoam da figura de um padre, conforme o imaginário já construído na memória discursiva para o sacerdote católico; a forma como os elementos imagéticos e linguísticos são dispostos, em especial as imagens mesmo, produzem efeitos de sentidos que se afastam gradativamente do padrão imaginariamente construído para a figura de padre tradicional, daí a resistência dos fiéis em aceitar que esse homem tipo galã, seja um padre de verdade. Nesse caso, o leitor internauta, ao ocupar a posição-sujeito de rejeição ao Fábio de Melo como um legítimo padre católico, está afetado pela memória do discurso religioso católico tradicional.

Entretanto, Pêcheux (1983) postula que “[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 1983, p.53). Assim, todos esses sentidos na memória podem ser revisitados e reformulados. A memória, tal como é concebida por Pêcheux (2007, p. 56), “[...] é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...]”. Conflitos de regularização, eis o que se pode verificar no funcionamento desse discurso, conflitos de sentidos para a construção discursiva da figura de um padre católico.

Ao retornarmos à SD2, temos o seguinte diálogo, abaixo da figura:

– **“padrefabiodemelo:** sensação de ter passado a noite dando uma demão de tinta no Maracanã”.

– **“Ari:** rezar que é bom nada”

– **“padrefabiodemelo:** em resposta a Ari: Falou o fiscal da espiritualidade alheia.

Verificamos que o padre Fábio de Melo assume uma posição-sujeito de homem comum, que compartilha a sensação de cansaço, algo bastante corriqueiro de ocorrer nas redes sociais. Embora seja um padre, ali ele não assume a posição-sujeito de padre, já que não há sentidos religiosos em sua fala, daí a reação do leitor que ocupa uma posição-sujeito bastante conservadora, pois espera do padre sempre uma fala religiosa. Os já ditos da memória do discurso católico atravessam o discurso do leitor, pois no jogo das relações de sentidos, os processos discursivos retomam outros discursos já-ditos, de tal modo que “[...] o processo discursivo não tem, de direito, início” (PÊCHEUX 2014 [1969], p. 76).

O padre Fábio de Melo, por sua vez, reage ao comentário, mas como pessoa comum, não na posição-sujeito de sacerdote, pois assume uma posição de crítica a quem monitora a sua conduta religiosa. Assim, na SD2 o leitor assume no discurso a posição-sujeito de rejeição ao padre, ao questionar a sua presença nas mídias sociais, já que a projeção imaginária para o lugar de padre é na igreja, nos mosteiros, na reclusão das orações, etc.

Desse modo, verificamos que a discursivização do padre Fábio de Melo no discurso materializado nas SDs 1 e 2 instaura conflitos de estabilização/desregulação dos implícitos da memória discursiva para padre tradicional. O funcionamento é de uma disputa de sentidos entre o que construído imaginariamente para o sacerdote tradicional e os sentidos que ressoam acerca da imagem de padre na atualidade.

Nesse jogo de forças, percebemos indícios de desregulação da memória do discurso católico, não se dá uma ruptura, as mudanças não ocorrem de forma repentina, abrupta, mas gradativa. Ou seja, na primeira imagem da SD1, o padre Fábio de Melo não aparece com a indumentária tradicional de sacerdote, como a batina, a clérigima ou o colarinho eclesiástico, então, já temos um efeito de distanciamento dessa memória do discurso religioso. Todavia, ainda funcionam sentidos da religiosidade mais conservadora, na cor das vestes e na formatação das mãos. Porém, nas outras imagens, o efeito de distanciamento com sentidos religiosos tradicionais é bem mais forte, a ponto de instaurar um efeito de ruptura, já que surge a imagem de um homem moderno, comum, charmoso, sedutor, na forma de se vestir, nas cores e penteados. Tal imagem contraria os já ditos construídos para o imaginário de um padre, de modo a instituir um efeito de homem não-religioso ao Fábio de Melo.

Por outro lado, os sentidos da memória ressoam no discurso materializado no comentário do Fábio de Melo: “Falou o fiscal da espiritualidade alheia”, assim, ele não nega a sua religiosidade, mas afirma-se como homem “espiritual”, que reza sim, que ora, etc. Nota-se que o conflito se instaura na questão de sentidos da figura identitária para o padre católico. Recorremos ao que teorizam Grigoletto e Di Nardi (2013) a respeito das figuras identitárias. Para as autoras a identificação institui-se no espaço tenso entre a cristalização e o deslocamento, espaço no qual se situam as figuras identitárias:

“[...] o que estamos chamando de figuras identitárias é o resultado de processos discursivos por meio dos quais se tenta reter, de um passado, aquilo que, embora não seja mais vivido, é parte de uma construção identitária. Ao serem atualizadas, as figuras marcam, no

discurso, o retorno a um lugar de memória no qual o sujeito desse discurso encontra um espaço de (des)identificação: se por um lado, pode a figura, representar a marca de pertencimento a um grupo e sua história, pode por outro, configurar-se como um espaço de recusa, um desconhecimento do passado como possibilidade de identificação com o que o sujeito entende como sendo sua identidade” (GRIGOLETTO e DI NARDI, 2013, p. 203).

Assim, a figura identitária de sacerdote católico foi formada na memória do discurso católico, ao longo do tempo, e carrega traços dessa identidade, como a postura firme e sóbria, hábitos que envolvem um rotina simples e moderada, sem vícios ou vaidades, vestindo batina ou vestes básicas. A figura do padre, nesse discurso religioso tradicional, não pode ser confundida com nenhuma outra, já que o sacerdote, nesta perspectiva, não é um homem qualquer, não pode ter outros sentidos, porque ele é visto como um homem “santo”, não um homem comum ou artista, pois a santidade deve abranger a vida do sacerdote em todas as situações.

Portanto, entendemos segundo o que é proposto pelas autoras, que as figuras identitárias se consolidam ao longo da história e se tornam representações de lugares e instituições, sujeitos à cristalização. A figura do sacerdote católico adquiriu uma regularização discursiva e cristalizou-se, de modo que passa a identificar não apenas o sacerdote e suas práticas, mas também a própria religião e até mesmo a própria divindade, objeto dessa religião.

Todavia, como já ressaltado, com base em Pêcheux ([2007] 1983) há conflitos de forças na memória que podem instaurar a perturbação dos implícitos, que nesse caso, busca des(re)configurar as identidades já consolidadas, a exemplo da figura do padre; assim, cabe ressaltar a importância das mídias digitais nesse processo de des(re)configuração não somente da figura do padre católico, mas do discurso religioso em geral: “Fatores distintos apontam hoje a importância que tem o campo midiático em processos pelos quais são desenhadas essas estratégias de construção de novas formas de religiosidades” (FAUSTO NETO, 2002, p. 154)

Dadas essas considerações, nesse segundo momento analisaremos as SDs de comentários que foram divididos em dois blocos, agrupados a partir da regularidade discursiva, com vistas a perceber de que forma se dá a subjetivação dos leitores nesses comentários.

## BLOCO II: SDs 3 a 6

**SD3:** M.P: Sinceramente eu não que pecar julgando o padre Fábio de Melo, ou seja já estou julgando. Mas, apesar de toda sua vocação e por sem dúvida ter o dom da palavra. Ele se expõe muito principalmente com sua beleza que não podemos negar. Isso acaba nos confundindo entre o padre e o homem que vemos com toda sua sensualidade. Deus me perdoe!

**SD4:** N.A.: Bonito sim...como muitos outros mas vaidade é um dos 7 pecados capitais..e padre não pode..kkk

**SD5:** J.R.: Devíamos enviar uma carta ao Vaticano pra dar um puxão de orelhas nele..

**SD6:** L. F.: Padre falso. Vergonha para a fé da igreja católica.

Nas materialidades apresentadas (SDs 3 a 6) funcionam efeitos de sentido e posições-sujeito de julgamento, rejeição e crítica à figura do padre moderno. Tais sentidos de crítica contestam o perfil de padre conectado e, por vezes, sensualizado, logo, também contestam os sentidos do discurso religioso católico conservador.

Na SD3, verificamos que o leitor assume uma posição-sujeito de conflito entre o discurso católico conservador, pois nutre respeito pela imagem do padre Fábio de Melo, mas também, ao mesmo tempo, apresenta dúvidas sobre a legitimidade do seu sacerdócio: “Isso acaba nos confundindo entre o padre e o homem”. Ou seja, o padre não pode ser identificado como um homem, sobretudo quanto à sensualidade, pois pode confundir os fiéis. Eis aí instaurado o conflito nas redes de memórias, diz respeito ao jogo de forças da memória mencionado por Pêcheux ([2007] 1983).

Os sentidos de confusão são afetados pela memória, segundo a qual o sujeito padre não pode realizar/praticar ações comuns aos outros ‘homens’, ainda que estas não sejam vistas como “pecaminosas”. No discurso religioso católico, o padre é uma figura sacralizada que tem o poder de trazer a divindade para mais perto daqueles que acreditam ou de leva-los até esse Deus, sendo este também representado pela figura do sacerdote, o que leva a interdição de certas práticas, sobretudo quanto à sensualidade e o consumo. Tal conflito também retoma já ditos da memória do discurso religioso, a exemplo da dualidade espiritual/material/carnal; riqueza/pobreza, além de outros.

A posição de sujeito que vê o padre como uma figura santa/sacralizada, também pode ser verificada na SD4, cujo discurso determina o que o padre pode e não pode fazer. Embora assuma que ele seja belo, ele não pode se envaidecer. Além disso, funcionam sentidos que

os sete pecados são permitidos para outros, menos para o padre, ou seja, padre não pode “pecar”.

Na SD5 mantém-se essa posição-sujeito que julga e critica o padre por distanciar-se dos sentidos históricos e ideológicos para a figura do padre. Quando diz: “Devíamos enviar uma carta ao Vaticano pra dar um puxão de orelhas nele”, o sujeito do discurso aceita o padre, desde que ele seja corrigido. Neste caso, a desobediência deve ser encaminhada a uma instância superior, o Vaticano, onde se situa a sede da Igreja Católica Apostólica Romana. Para finalizar as SDs desse bloco, a SD 6 materializa o discurso católico tradicional, que rejeita totalmente o padre moderno. “Padre falso. Vergonha para a fé da igreja católica”. Logo, o padre Fábio de Melo é discursivizado na SD6 como deslegitimado enquanto sacerdote católico, uma posição-sujeito de desidentificação com o padre midiático moderno, já que Fábio de Melo é excluído, por não se encaixar no padrão construído pelo imaginário da igreja católica.

Seguiremos a análise com o bloco III de SDs 7 e 8, constituída de comentários.

### **BLOCO III: SDs 7 e 8**

**SD7:** S.M.F.: Só porque é padre tem de ser feio? Aprecio suas palestras e o considero culto. Um padre para os dias de hj. Já ajudou muita gente. E é bonito mesmo!

**SD8:** P.S.: Não olho a beleza externa dele. E sim a interna. Vejo ele como outra pessoa qualquer.

Nas SDs 7 e 8 observamos um funcionamento discursivo diferenciado, verificamos que o leitor ocupa uma posição-sujeito de aceitação do Fábio de Melo como sacerdote, embora esteja nas mídias digitais; funciona um efeito de sentido que aceita a mudança na postura dos sacerdotes e da igreja. Como podemos verificar na SD7 “Um padre para os dias de hj”. Esta posição-sujeito, não somente legitima o padre moderno/midiático, como também declara que o mundo atual precisa desse padre. Funciona, pois, nesse discurso um efeito de sentido de sacerdote próximo do povo, justamente por ser uma pessoa comum, gente como os demais. Esse efeito de sentido também é materializado na SD8 “Vejo ele como outra pessoa qualquer”. Assim, compreendemos que a rigidez na forma como a igreja se manteve por muito tempo, impossibilitava a sociedade de olhar o sacerdote como uma pessoa comum, pois ele era sempre visto como alguém superior aos demais. Mas, com a mudança

da própria sociedade, o discurso religioso em geral e também o discurso católico também é afetado, tendo em vista a necessidade de atender às novas demandas da sociedade conectada:

[...] o campo midiático vai se constituindo em novas possibilidades de gestão e de regulação da vida dos cidadãos, podendo oferecer suas instruções e competências para que as religiões possam engendrar, sob novos formatos simbólicos, suas ações pastorais e a anunciabilidade de suas mensagens junto à esfera pública (FAUSTO NETO, 2002, p. 153-154).

Assim, nas SD dos blocos II e III verificamos o funcionamento de diferentes posições-sujeito. Há aquelas que julgam, rejeitam e excluem o padre moderno e celebridade, sendo tal discurso afetado pela projeção imaginária do padre tradicional, como também um efeito de sentido contrário ao objetivo da fé católica. Já a posição-sujeito de aceitação ao padre midiático, produz um efeito de sentido de aproximação do padre/igreja à comunidade, justamente pelo efeito de distanciamento com a memória do discurso religioso tradicional.

Nessa trama, a internet e as mídias digitais se destacam como elementos fundamentais para essa (des)reconfiguração identitária do padre e do próprio discurso religioso. Dias (2016) considera que os sentidos produzidos no digital são afetados pelas condições de produção do discurso digital. Logo, o discurso religioso que se inscreve na materialidade digital sofre efeitos dessa mídia, a qual não somente retoma sentidos do já dito, mas favorece a produção e circulação de novos sentidos. Logo, é também uma rede de memórias. Pêcheux defende a existência de um “jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento” (PÊCHEUX, 2007, p. 53) que tanto estabelece o já-dito (regularização), estabilização parafrástica, quanto à desregulação. Nas palavras do autor: “[...] um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula [...] mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos”” (Pêcheux 2007, p. 53).

Assim, o leitor da mídia digital, ao se inscrever na seção de comentários também mobiliza a rede de memórias e de sentidos e assim, pode ocupar distintas posições-sujeito, como mostramos nessa análise. Cortes (2018) observa que o leitor também já ocupa um lugar na conjuntura social ao se inscrever nas mídias digitais, e isso pode afetar a produção

dos sentidos. Ademais, “[...] o ato de leitura também é realizado sob as condições de produção do leitor” (CORTES, 2018, p. 4). Portanto, o leitor, enquanto sujeito discursivo mobiliza o jogo de forças da memória instituindo um processo de disputa de sentidos que, em nossa análise, diz respeito aos sentidos do já-dito em tensão contínua com os novos sentidos para o padre católico, produzindo. Tal movimento pode tanto estabilizar a rede dos implícitos, como pode trazer a perturbação da memória, como afirma Pêcheux ([2007]1983).

### Considerações Finais

Foi possível verificar, nas análises, que a rede de memórias do discurso religioso católico é mobilizada no discurso materializado nas SDs, intrincadamente a outros sentidos que circulam nas redes digitais.

Nessa trama, a subjetivação do leitor comentarista funciona com a disputa de sentidos em duas posições-sujeito centrais: a de rejeição a Fábio de Melo, enquanto padre, devido a sua conduta de “cidadão comum” nas redes sociais, sendo tal posição afetada pelo imaginário do padrão já legitimado para o sacerdócio católico. Ademais, funciona a posição-sujeito de aceitação ao padre Fábio de Melo, justamente pela suposta “transgressão” deste à figura do padre já legitimada historicamente, instaurando um jogo de forças conflituoso, uma perturbação nos implícitos da memória.

Desse modo, verificamos que a discursivização do padre Fábio de Melo nas redes sociais instaura tanto a estabilização quanto a desregulação dos implícitos da memória discursiva para padre tradicional. O funcionamento é de uma disputa de sentidos entre as formações imaginárias do sacerdote tradicional e os sentidos de um novo imaginário e uma nova identidade para a construção discursiva de um padre católico, na atualidade.

## Referências Bibliográficas

CORTES, G. R. de O. Da interação à interlocução discursiva: a subjetivação do leitor em comentários de blogs de divulgação científica. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v.40, e33717, 2018. <http://periodicos.uem.br/ojs/acta>

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. EdUFSCAR, 2014.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. *REDISCO*. Vitória da Conquista - BA. v. 10, n. 2, p. 8-20. 2016.

FAUSTO NETO, A. Processos midiáticos e construção das novas religiosidades: Dimensões discursivas. *Galáxia* n.3 2002.

FERREIRA, M. C. L. O caráter singular da língua na análise do discurso. In: *Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS*. V.17, Nº 35, E-ISSN: 22388915. <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30023> 2003.

GRIGOLETTO, E. e DE NARDI, F. S. Identificação, memória e figuras identitárias: a tensão entre a cristalização e os deslocamento de lugares sociais. In.: *Niterói*, n. 34, p. 197-213, 2013.

GUTIÉRREZ, L.I.S. *A TELE-FÉ: Religião Miatizada. Estratégias de reconhecimentos de sentidos religiosos de telefiéis do canal REDEVIDA de Televisão em Porto Alegre, RS*. Tese de Doutorado. São Leopoldo, R.S., Brasil-Dezembro de 2006.

INDURSKY, Freda. *A memória na cena do discurso*. In. *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, SP – Mercado das letras, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Ponte, 2012.

\_\_\_\_\_. *Discurso, imaginário social e conhecimento*. Em *Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso (AAD69)*. In: In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.



\_\_\_\_\_. (1975). Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

\_\_\_\_\_. Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas/SP: Pontes. (capítulos selecionados), 2011.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In. O papel da memória. Pierre Achard [Et al]. Campinas, SP. Pontes, 2007. p. 49-57.

\_\_\_\_\_. O discurso: estrutura ou acontecimento (1983). 2ª edição – Campinas, SP: Pontes, 1997.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In. Memória e história na/da análise do discurso. Campinas, SP – Mercado das letras, 2011.